

Teste — Filosofia da Arte

11.º Ano Filosofia 3 páginas 10 questões · 20 valores

Instruções: Responda a todas as questões. Cada questão vale 2 valores (total: 20 valores). Justifique as respostas de desenvolvimento com os conceitos e os autores estudados. Duração: 45 minutos.

Grupo I — Questões de resposta curta (10 valores)

1. (2 v) Formule o problema da definição de arte e explique as duas tarefas que uma definição tem de cumprir.

2. (2 v) Distinga exemplo de contraexemplo e explique por que razão o contraexemplo é o instrumento crítico decisivo.

3. (2 v) Enuncie a teoria da arte como representação e apresente um contraexemplo que a desafie.

4. (2 v) Enuncie a teoria da arte como forma e explique a sua principal vantagem face à teoria da representação.

5. (2 v) Distinga teoria institucional de teoria histórica, indicando o critério de artisticidade de cada uma.

Grupo II — Questões de desenvolvimento (10 valores)

6. (2 v) Analise criticamente a teoria da arte como expressão: enuncie a tese, apresente um exemplo favorável e uma objeção sólida.

7. (2 v) Explique a objeção da arbitrariedade à teoria institucional e avalie se a teoria pode responder-lhe.

8. (2 v) Explique a objeção do regresso ao infinito à teoria histórica e apresente a resposta possível.

9. (2 v) Compare uma teoria essencialista e uma não essencialista, indicando o que cada uma explica bem e o ponto em que cada uma cede.

10. (2 v) «Qualquer objeto pode ser arte: basta que o mundo da arte o consagre.» Avalie criticamente esta afirmação, mobilizando as teorias da definição de arte e a questão da arbitrariedade.

Soluções — Teste: Filosofia da Arte

1. **(2 v)** Problema: existirá uma propriedade comum a todas as obras de arte — e só a elas — que distinga arte de não arte? Tarefas: a definição deve *incluir* toda a arte legítima e *excluir* tudo o que não é arte (nem incluir demais, nem de menos).
2. **(2 v)** Exemplo: caso que confirma a teoria, mostrando uma obra com a propriedade apontada (um retrato realista para a representação). Contraexemplo: obra de arte sem essa propriedade, ou não-arte que a possui. É decisivo porque *refuta*: basta um contraexemplo sólido para mostrar que a propriedade não é necessária, obrigando a rever a definição.
3. **(2 v)** Tese: a obra é arte na medida em que imita ou copia a realidade. Contraexemplo: um quadro abstrato, ou a música instrumental — não representam nada e são arte; acresce que a fotografia imita melhor do que a pintura e nem por isso é «mais arte».
4. **(2 v)** Tese: a obra é arte pela organização significativa dos seus elementos (linha, cor, som, palavra), que produz uma experiência estética autónoma. Vantagem: explica a arte não figurativa — abstração, música instrumental, arquitetura — que a teoria da representação não consegue incluir, pois não depende do que a obra imita, mas de como está construída.
5. **(2 v)** Institucional: algo é arte porque o *mundo da arte* (artistas, críticos, curadores, museus) o reconhece e consagra como tal — critério social e institucional. Histórica: algo é arte se se liga, por *continuidade intencional*, a obras anteriores já reconhecidas como arte — critério histórico e intencional, ligado à tradição.
6. **(2 v)** Tese: a obra é arte por exprimir emoções do artista, comunicando-as ao espetador. Exemplo favorável: uma composição musical que traduz melancolia e nos comove. Objeção: a expressão de emoções existe na vida comum (um suspiro, um grito) e não é arte; além disso, há arte sem carga emocional evidente (geometria, arte conceptual) — a expressão é condição relevante, mas não suficiente.
7. **(2 v)** Objeção: se basta o reconhecimento, então qualquer objeto pode tornar-se arte por decisão de uma instituição — a distinção entre arte e não arte perde conteúdo e depende de quem tem poder para consagrar. Resposta possível: o reconhecimento não é capricho individual — exige integração coerente no discurso crítico e na tradição, com razões apresentáveis; a teoria admite, assim, um controlo argumentativo, embora o risco de arbitrariedade não desapareça.
8. **(2 v)** Objeção: se só é arte o que se liga a arte anterior, então a *primeira* obra de arte não poderia ser arte — não havia tradição a que se ligasse (regresso ao infinito). Resposta possível: admite-se um ponto de partida — as primeiras obras definem-se por intenção estética inicial, e a tradição começa aí; a teoria exige apenas continuidade *a partir* desse início.
9. **(2 v)** (modelo: forma vs institucional) A teoria da forma explica bem a arte abstrata, a música e a arquitetura — a artisticidade está na organização dos elementos; cede diante do objeto natural belo (tem forma e não é arte) e da arte conceptual (que dispensa forma elaborada). A teoria institucional explica bem o ready-made e a arte conceptual — a artisticidade vem do reconhecimento; cede com a arbitrariedade e ao pressupor já a existência de arte para haver mundo da arte. Conclusão: nenhuma cumpre sozinha as duas tarefas; combinam-se melhor num critério plural (cluster).
10. **(2 v)** (modelo) A afirmação é a tese institucional levada ao limite. A favor: explica a arte contemporânea (ready-made, performance) e mostra que a artisticidade é relacional, não uma propriedade natural do objeto. Contra: sem qualquer critério substantivo, torna «arte» arbitrário — qualquer consagração vale, e perde-se a capacidade de distinguir arte de publicidade, propaganda ou decoração; além disso, a consagração supõe já uma noção de arte (a instituição reconhece o que considera candidato). Avaliação: a tese capta uma dimensão real (o contexto é constitutivo), mas sozinha é insuficiente — exige-se que o reconhecimento seja argumentável e coerente com a tradição, ou a definição cai no arbítrio. Conclusão possível: a arte define-se por um cluster (forma, expressão, intenção, reconhecimento, ligação histórica), sem essência única.